



Água Infinita

Simone Mello

O sol penetra o ambiente em riscos de seis quadrados. Sua intensidade supera a geometria da janela que lhe cabe, e agora o aposento bicentenário é tingido de um calor bege, produzindo poeira suspensa. Feixes de luz à sua frente, e partículas hipnóticas interagem entre si em um ballet de gravidade zero. Os sentidos de Ana vão sucumbindo à hipnose espontânea, as vozes tornando-se inaudíveis, e os rostos à sua volta exibindo a opacidade da insignificância. Nos pensamentos desta mulher, a cena que em seu olhar durou cinco segundos, vinte minutos atrás: no trajeto entre seu carro e o palacete, jovens de coturnos pretos tomavam vinho em galões, em volta do chafariz que já foi seu – na liberdade das duas da tarde, ainda ilesos ao mundo.

Uma caneta cai, alguém fala sobre o café, e o professor encara Ana – fim da hipnose; com sorte, apenas uma interrupção de trinta segundos, até que a deixem voltar ao que importa. Fora do foco, ela recorre às partículas bailarinas para resgatar seu transe, e evitar que discussões sobre Cortázar arranquem de sua memória a imagem fresca daquelas pessoas livres, boêmios tardios num pôster de Toulouse Lautrec – Quando foi que eu mudei de lado? Como deixei de ser uma jovem de coturno para passar a ser um arremedo de boneca de cera? – nem tão bela, nem tão expressiva.

A literatura hoje está revestida de uma membrana espessa, que a torna ordinária, quase vil – contos sem vida e análises inúteis. De fato isto não é ruim, é mesmo cômodo, e Ana pode voltar ao vinho, aos jovens de roupas pretas, à cabeça de cavalo que verte água infinita, no chafariz que já foi seu. Eram ela e seus amigos que sentavam à sua volta, nas madrugadas geladas dos anos 90, com galões de vinho que custavam cinco reais. Quando foi mesmo que aquela horrenda cabeça de cavalo torta e agonizante veio encher de mau-gosto esse lugar sagrado? No tempo em que ainda fazia frio, isso é certo. Antes de o planeta estar prestes a derreter.

O frio era quase sempre pretexto para chegar mais perto, na época em que era preciso pretexto. Sempre havia fumaça saindo das bocas, expirações cheias de impertinência após longas tragadas de Marlboro vermelho, e o fogo da brasa limpava tudo. Quando não era o cigarro, era o choque do ar quente dos pulmões tomando contato com o ar gelado das quatro horas da manhã. Sempre havia fumaça, e seu rastro unia os membros daquele universo.

Pausa para o café, pessoas adultas evitando a sonolência. Quando foi que eu comecei a tomar café? Provavelmente na época em que passei a fumar Marlboro light, quando passei a me importar com o volume das minhas gargalhadas e quando acreditei que um jantar num restaurante caro, com vinhos que custavam mais de cinco reais, comprariam a infelicidade da semana. Não compraram. Ana se ressentia por ter se rendido ao reles, por ter aceitado pouco, em troca de quase tudo. Agora esse desespero de se agarrar à escrita, como se fosse possível readquirir sua alma, jogando palavras toscas numa agenda Louis Vitton. Isso funcionava aos treze anos, não vai funcionar desta vez.

Ana está sozinha na sala, entre vinte cadeiras vazias, cadernos abertos, bolsas no chão, textos de Borges por todo lugar. A poeira dançante a enfeitiçou enquanto todos saíam excitados em busca de cafeína, amiga dos autômatos. Ela sente que deve ir também, assim como sentiu um dia que deveria usar tailleur. Adeus, diminutas companheiras



bailarinas, até a próxima redentora hipnose. Ana levanta-se apressada, derrubando folhas que estavam sobre seu colo. Recolhe tudo antes que percebam que é desastrada, que não tem controle sobre seus membros compridos, que sempre causam desordem na cena de qualquer crime.

Os saltos de suas botas ecoam um barulho empertigado no piso de madeira maciça do aposento bicentenário, que agora é abrigo de artistas experimentais e aspirantes a escritores. Isso não vai funcionar. Quando passa pela porta, nota que sua visão é turva, sem saber se são náuseas ou lágrimas. À sua esquerda, todos se servem apressados, sabendo que o conteúdo da garrafa térmica não será suficiente para dezoito copinhos plásticos, ainda que minúsculos – desespero autômato. À sua direita, a única saída possível: uma pequena sacada, tão misteriosa e austera quando observada lá de baixo, do chafariz. Nas madrugadas geladas dos anos 90, aquela sacada inspirou devaneios, que também eram pretexto para a proximidade.

Ana novamente olha para sua esquerda, e efusivamente corre para a sacada, pela alternativa ser abominável. Não quer café, não quer tailleurs, não quer conversar sobre o tempo. Lá embaixo estão eles, são cinco, cinco jovens vestindo camisetas pretas de bandas de punk-rock, tomando vinho às três da tarde. São náuseas e são lágrimas. Ana olha para trás, e o interior do casarão está escuro. O sol só existe em volta do chafariz que já foi seu. Um vulto se aproxima, toma forma e se agiganta – quer café? – Ana sucumbe. Rasgo, gritos, pontas afiadas de petit pavê, náuseas e lágrimas, gosto salgado em sua boca. Ana enxerga o líquido que verte sob seu peso, e pela primeira vez percebe que não é carmim, mas vinho – este líquido espesso tem a cor do que é real. Mais gritos, mais líquido, e Ana imagina que tem as feições do cavalo moribundo, a feia extravagância que agora é sua. Ele a encara, vertendo água infinita. Mas Ana não quer água, não quer sangue, ela quer alívio e liberdade – estende a mão para um rapaz catatônico com camisa do Ramones – Um gole de vinho.

No interior da sala banhada de calor bebe, partículas hipnóticas planam em seu ballet misterioso, indiferentes a qualquer coisa que esteja fora do raio de um feixe de luz. Ana é hipnose, é partícula, verte água e queima o medo.